

1

Amanhece com tempo seco após a madrugada chuvosa. O portão de aço da Transportadora Blue Angel se abre pesadamente e rangendo ao deslizar sobre o trilho no chão. O logotipo alado, azul e branco, vai desaparecendo por trás do muro alto imponente que se completa com uma cerca de concertina dupla, elétrica. Despejam-se dois caminhões: o primeiro toma a rodovia para a direita, no sentido capital-interior; o segundo, para a esquerda, vai entrar na cidade, nosso destino.

A água empoçada nos sulcos do asfalto ainda reflete nuvens, outdoors coloridos, letreiros em neon, fachadas de indústrias, mais nuvens, a luz vermelha do primeiro semáforo, a luz verde, faróis, fachadas de lojas, de prédios, poste, nuvens, poste, poste... O caminhão passa devagar por um viaduto com trânsito em meia pista devido a obras. Há edifícios de ambos os lados, janelas abrindo-se na altura do viaduto, outras já abertas, pessoas acordando-se, pessoas acordadas, luzes acesas porque o dia ainda não invadiu os apartamentos, luzes acesas porque nunca se apagaram, insones.

Trinta minutos rodando, o caminhão entra num bairro de casas e de condomínios residenciais. Ao dobrar uma

esquina à direita, ouvimos um pequeno baque: atropelou um gato morto, o bicho agora esfacelado. Mais duas esquinas, entra na rua dos Gerânios, larga, paralelepípedos perfeitos, simpática. Para em frente ao número 29: casa pequena, recentemente pintada de verde-oliva, portão branco.

Do carona, desce um funcionário da transportadora, boné com logotipo, toca o interfone da casa, volta e fala algo ao motorista, que também desce do veículo, também de boné com logotipo, e os dois vão abrir a carroceria e retirar dela uma caixa retangular com mais de metro e meio de comprimento e aparentemente pesada.

O morador da casa, homem de quarenta anos, um pouco alto, cabelos pretos e fartos, óculos e pijama vermelhos, vem até o portão e, antes de abri-lo, olha ao redor para certificar-se de que não haja vizinho algum por perto.



Posso te chamar de Analice? O teu cabelo me lembra uma pessoa de muito tempo atrás, e a boca... Deixa assim, não quero falar nela. Estamos aqui, você e eu. Isso é que importa, nós dois nesta casa.

Um recomeço.

Meu nome é Marvin. Os amigos de infância, quando encontro algum, me chamam de Marciano, sabe, do Looney Tunes. Na época da faculdade, a turma inventou um diminutivo que nem gosto de repetir. Depois, no trabalho, os colegas me deram outro apelido, decente, mas não vem ao

caso. E minhas mulheres, a primeira e a segunda ex, as duas sempre me chamaram de Marvin, simplesmente.

Você pode me chamar como quiser, Analice.

Você é mais bonita em pessoa do que nas fotos. E tem sardas. No site eu não tinha reparado nelas. Até nos ombros. Acho uma graça.

Isto aqui? É uma cicatriz bem antiga. Me machuquei quando era criança, brincando. Me empurraram, de brincadeira. Você não tem nenhuma cicatriz, não é?

Claro que não.

Você é perfeita.



Ela tem um metro e sessenta e oito centímetros de altura, pesa quarenta e cinco quilos, cabelos castanhos, pele clara, olhos verdes de cílios compridos e sardas discretas nas maçãs do rosto, nos ombros, no colo. O nome de batismo era Renee. Ela nasceu em San Marcos, pequena cidade do condado de San Diego, na Califórnia, Estados Unidos da América, e seu pai se considera um artista. Chegou à casa de Marvin elegantemente maquiada e com as unhas pintadas de vermelho-borgonha, com um vestido púrpura de decote mediano e aberto nas costas. A maquiadora e manicure e a estilista, empregadas de seu pai, também consideraram o que fazem uma arte.

Tem bons modos. Sentada no sofá da sala, cruza as pernas com charme enquanto ouve Marvin falar – ele gosta

de falar. Em nenhum momento o interrompe, ela tem paciência.

Bonita, bem-vestida, educada e paciente...

Analice é perfeita.

Ela é uma boneca de silicone.